

Avaliação da incidência de automedicação praticada por tutores em animais de companhia

Autores: Natália Andrade Duarte¹, Wilson Roberto Malfará^{1*}

Colaboradores: Vívien Pandossio Cunha Garcia¹, Bruna Freire¹

¹Centro Universitário Barão de Mauá

¹nataliaanana.7@gmail.com, ^{1}wilson.malfara@baraodemaua.br*

Resumo

O referido estudo teve como objetivo avaliar a automedicação em animais de companhia através da aplicação de questionário a tutores em Hospital Veterinário. Concluiu-se que a maioria dos proprietários se automedica e também automedica seus animais e que embora tenham ciência dos riscos impostos pela farmacoterapia não racional, a praticam. O acesso fácil aos medicamentos sem prescrição e a falta de condições financeiras parecem ser motivos indutores do contexto.

Introdução

Entende-se por automedicação a utilização de medicamentos sem a prescrição por um profissional capacitado. A Organização Mundial da Saúde define a automedicação como a seleção e o uso de fármacos não prescritos, sem a supervisão de um médico ou dentista (ARRAIS et al., 2016).

No entanto, em Medicina Veterinária, pode-se ter outros exemplos de automedicação: o mesmo termo pode também ser utilizado quando os animais buscam ervas e plantas medicinais para alívio de condições clínicas, por exemplo. Esse fato ocorre desde os nossos ancestrais, sendo uma importante área de estudo em Etologia e Toxicologia. Estudos mostram que gorilas e chimpanzés têm como hábito a ingestão de plantas tóxicas, mas que em pequenas quantidades e baixa frequência podem apresentar propriedades terapêuticas (BENEDITO, et al. 2017). Uma outra maneira que um animal pode ter de se automedicar decorre de intoxicações involuntárias. O uso indiscriminado de fármacos pode acarretar riscos à saúde do paciente, resultando em erros de dosagem, falha terapêutica e intoxicação, devido à administração ser feita muitas vezes por uma pessoa leiga, a qual baseia sua informação em receitas que foram prescritas para o tratamento de outras enfermidades ou no que lê e ouve de outros leigos (CONCEIÇÃO & ORTIZ, 2015).

Em longo prazo, pode causar problemas crônicos como insuficiência renal, hiperadrenocorticismos iatrogênicos e insuficiência hepática, dependendo do mecanismo de ação, tanto terapêutico quanto toxicológico, da substância (BENEDITO, et al., 2017; CONCEIÇÃO & ORTIZ, 2015; NASCIMENTO et al., 2019).

Dados recentes do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) mostram que, no ano de 2017, foram registradas diversas causas de intoxicações em animais, onde os principais motivos eram por: medicamentos, agrotóxicos, plantas e drogas de abuso. Por consequência, o uso indiscriminado de fármacos pelos proprietários reflete em umas das principais barreiras enfrentadas pelos médicos veterinários. Desse modo, há diversos motivos que levam a essa aplicação desordenada sem prescrição médica nos animais, como por exemplo: “tratamentos” indicados por leigos ou balconistas das casas de rações ou pet shops, sem compromisso com o bem-estar do paciente visando apenas o lucro, além da utilização de vários medicamentos de uso simples e comum onde não são necessárias prescrições médicas para a compra, o que contribuem para a incidência de “mini farmácia domiciliar” que juntamente com a falta de informação sobre a aplicação correta dos mesmos aumentam a chance de problemas (JARDIM, 2019).

As intoxicações nos animais podem ocorrer de forma acidental ou proposital, no Brasil é frequente casos de animais mortos por envenenamento sendo os gatos os principais alvos. Os agentes tóxicos envolvidos podem ser de várias categorias como antibióticos, AINEs (anti-inflamatórios não esteroidais), anti-helmínticos, antiparasitários, raticidas, praguicidas (destacando-se o Aldicarb, popularmente conhecido como “chumbinho”), produtos agrícolas, tranquilizantes e plantas tóxicas. A facilidade na compra dessas substâncias, no Brasil, é a principal vilã, pois não há fiscalização sobre algumas substâncias como ocorre para humanos, fármacos descritos como tarja preta, por exemplo, não podem ser vendidos

indiscriminadamente sem a apresentação de receitas.

Fica claro que há a necessidade de se incluir medidas de conscientização frente ao uso de substâncias sem orientação profissional para a população, além de leis que impeçam a venda desenfreada de medicamentos. As medidas profiláticas frente às patologias, tem-se demonstrado mais efetivas em relação ao tratamento da patologia, o que exige que o tutor entenda a importância de se conduzir primordialmente e periodicamente os animais ao médico veterinário, diminuindo os riscos tóxicos impostos pela automedicação.

Objetivos

Determinar a incidência dos casos do uso de medicamentos em animais de companhia, identificando os fármacos mais utilizados nesta prática, através de usuários do Hospital Escola Veterinário do Centro Universitário Barão de Mauá, situado na cidade de Ribeirão Preto – S.P..

Material e Métodos

Tratou-se de um estudo qualitativo do tipo transversal de base populacional utilizando a técnica de entrevista através de questionário.

O estudo foi realizado nos meses de dezembro de 2019 e de janeiro de 2020, no Hospital Escola Veterinário do Centro Universitário Barão de Mauá. A aplicação do questionário foi de forma anônima e de autopreenchimento, constituído por 2 seções: a primeira seção foi constituída por perguntas dissertativas, sobre o tutor e sobre o animal. Na segunda seção constavam 12 questões de múltiplas alternativas nominais e ou dissertativas sobre o uso de medicamentos em seus respectivos animais. Foram incluídos nesta pesquisa proprietários que buscaram atendimento no Hospital Escola Veterinário do Centro Universitário Barão de Mauá que se disponibilizaram em participar voluntariamente da pesquisa. Excluiu-se médicos veterinários e alunos do curso de graduação em Medicina Veterinária. A participação dos proprietários nesta pesquisa foi voluntária, onde foi enfatizada a confidencialidade dos dados e a garantia do anonimato dos participantes. Os mesmos foram informados sobre a importância da pesquisa e sobre a possibilidade de retirada do seu consentimento sobre a pesquisa sem nenhum prejuízo ou problema, Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) o qual foi assinado pelos proprietários antes do preenchimento do questionário.

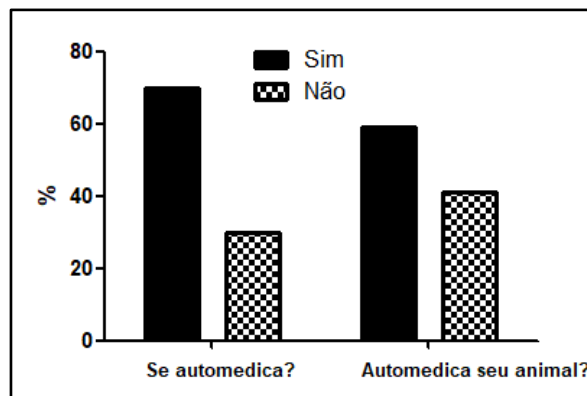
O referido estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Barão de Mauá via Plataforma Brasil, sendo conduzido seguindo as exigências da Resolução 466/2012 (CAAE: 21012619.3.0000.5378).

As informações coletadas dos 100 questionários aplicados foram organizadas em planilhas utilizando o Excel além do software Instat® e Prism® constituindo o banco de dados do projeto principal e posteriormente foram realizados testes qui-quadrado de Pearson seguido do cálculo dos intervalos de confiança para as Razões de Chances (RC) ou odds ratio (OR).

Resultados e Discussão

Após o levantamento das respostas das questões iniciais, obteve-se que dos 100 questionários aplicados aos tutores, 70 foram mulheres, sendo a maioria delas casadas e com ensino médio completo como grau de escolaridade prevalente seguido do superior completo, com idade média de 38,5 anos. Os demais respondentes (30) foram homens com maioria dos resultados semelhantes entre solteiros e casados, e com grau de escolaridade prevalente o ensino médio completo seguido do superior completo e com idade média de 38,6 anos. Desses tutores derivaram 90 cães com prevalência de fêmeas e 10 gatos com prevalência de machos. Pela Figura 1 observa-se que a maioria dos respondentes se automedica, e similarmente automedica seus animais. Para a maioria que automedica seu animal (59%), essa prática ocorre sem prescrição de um médico veterinário, tendo indicação por pessoas não profissionais como os vizinhos, parentes e balconistas de *petshop*.

Figura 1 - Respostas sobre automedicação



Dentre os fármacos mais utilizados destacam-se os Aines, seguido dos vermífugos e depois dos antibióticos (Figura 2), fato bem preocupante pela toxicidade dos Aines. Foi possível observar, durante a aplicação dos questionários, que alguns dos entrevistados não consideravam o uso da dipirona, anti-inflamatório não esteroideal (AINE), como um hábito de automedicação, deixando claro o quanto este medicamento é banalizado e de fácil acesso à população. Foi possível observar que além dos entrevistados não considerarem a utilização da dipirona nos animais como um hábito de automedicação, muitos se contradiziam nas demais questões após responder que não

automedicavam seus animais de companhia. Ficou claro a omissão da resposta na maioria dos entrevistados.

Figura 2 - Classes de fármacos mais utilizados

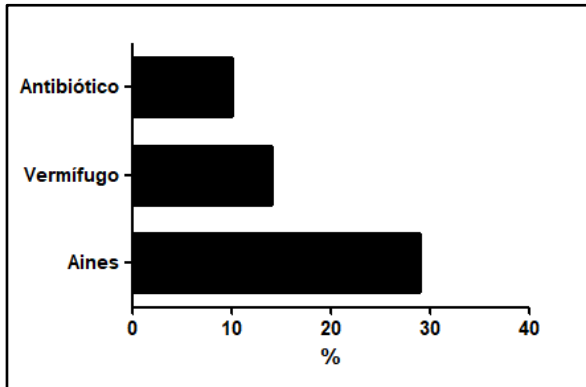
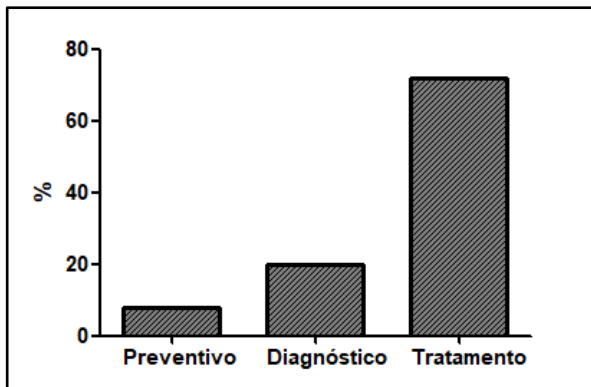


Figura 3 - Motivo de uso dos fármacos

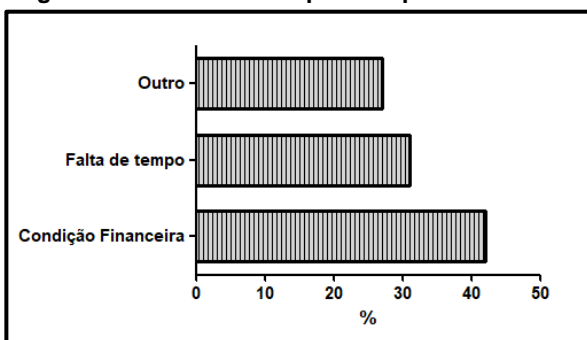


A principal aplicação dos fármacos foi para tratamento de uma patologia, o que corrobora que culturalmente a população utiliza mesmo os fármacos em seus animais quando os mesmos adoecem, pois o caráter preventivo obteve o menor percentual (8%). A frequência com que esses fármacos foram utilizados foi aquela superior a 3 vezes. Embora essa constatação tenha relevância, apenas 10% dos respondentes observam efeitos tóxicos de medicamentos após a sua administração, principalmente com Aines, antiparasitários, carrapaticidas, anti-alérgicos e analgésicos, ocorridos por superdosagem.

Posteriormente foi perguntado sobre a reutilização de medicamentos de prescrições antigas, e 20% dos tutores responderam que reutilizam.

Dentre os motivos que levaram os tutores a não procurar pelo veterinário se destacou principalmente a condição financeira (Figura 4).

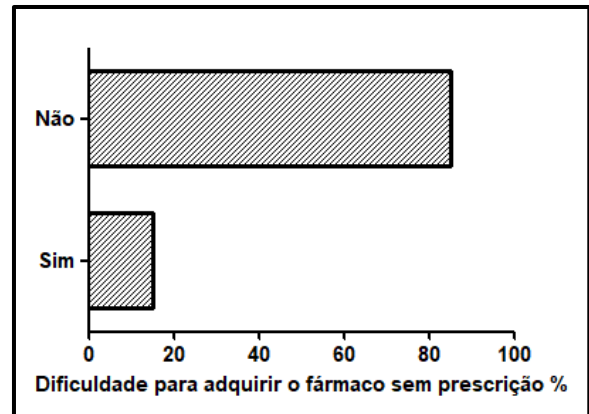
Figura 4 - Causas da não procura pelo Veterinário



Para 87% dos respondentes a automedicação não é um hábito inofensivo, mesmo praticando o hábito da automedicação em seus animais de companhia.

A figura 5 demonstra que a maioria dos tutores (85%) relataram que não tiveram dificuldade em adquirir medicamentos sem prescrição médica, o que conota realmente uma carência cultural sobre o uso de medicamentos em animais de companhia.

Figura 5 - Aquisição do fármaco sem prescrição



Conclusões

Pelo exposto e segundo análises do estudo em questão pode-se concluir que os proprietários de animais de companhia que responderam os questionários foram em sua maioria mulheres (70%) e homens (30%) com um grau de escolaridade com ensino médio completo na sua maioria. Conclui-se que a maioria dos respondentes pratica a automedicação e consequentemente automedica seus animais de estimação. Essa prática ocorreu principalmente com Aines, e o principal uso foi para tratamento de uma doença, onde 20% dos respondentes alegaram reutilizar medicamentos de prescrições anteriores. A principal causa pela qual os tutores não procuram um veterinário foi a condição financeira, e a maioria das respostas (85%) relataram não terem dificuldade em adquirir um fármaco sem prescrição de um veterinário.

A presente facilidade de adquirir medicamentos sem prescrição médica veterinária no Brasil, a falta de informação farmacológica adequada, e a banalização no uso de muitos fármacos representam talvez, as principais causas e influências na prática da automedicação em animais de companhia. Destaca-se assim, a importância da presença do Médico Veterinário no contexto, a fim de minimizar o risco toxicológico imposto pelo uso de medicamentos, contribuindo com a otimização da farmacoterapia.

Referências

ARRAIS, P.S.D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, R. L.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalence of Selfmedication in Brazil and Associated Factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n. 2, 2016.

JARDIM, M.P.B. Intoxicação em gatos domésticos no Brasil - Caracterização dos principais agentes tóxicos e descrição do conhecimento dos tutores. 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

NASCIMENTO SILVA, F.N; FRANCISCATO C.S.; SALA, P.L.; de SÁ, T.C.; TRENTIM, M.S.; ZANIOLO, M.M.; De MOURA COSTA, I.M.C.; QUESSADA, A.M.. Pyometra in a Bitch Possibly Caused by Simultaneous Administration of Levonorgestrel and Estradiol Cypionate. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 47, n. 428, 2019.

BENEDITO, G. S.; ALBUQUERQUE, A. P. L.; TAFFAREL, M.O; BASTOS-PEREIRA, Amanda Leite. INCIDÊNCIA DE MEDICAÇÃO SEM PRESCRIÇÃO EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO NA CIDADE DE UMUARAMA, PARANÁ, NO PERÍODO ENTRE 2011 E 2015. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 4, n. 2, 2018.

CONCEIÇÃO, J.L. dos S.; ORTIZ, M.A.L.. Intoxicação domiciliar de cães e gatos. **Revista Uningá Review**, Maringá, v. 24, n. 4, 2015.